

FORMAÇÃO COM O TEMA:

A ESPIRITUALIDADE DA FAMÍLIA NO TEMPO DE PANDEMIA.

E onde entra a espiritualidade e a fé nesta pandemia?

O jeito do ser humano conduzir sua vida, dia-a-dia, diz da sua espiritualidade e da sua fé, em Deus e na própria vida. Assim como o combustível que não vemos move o carro e nos faz “chegar lá”, onde desejamos, assim também podemos dizer ser a espiritualidade. Nós não a vemos, mas ele é o que nos move todos os dias, fazendo-nos ficar de pé nos caminhos da vida.

Neste momento mesmo, deste afastamento social, a espiritualidade e a fé entram na forma de conduzirmos nossas vidas diante destas desta tempestade causada pela pandemia. Nossa espiritualidade está na base das nossas emoções, decisões, pensamentos e atitudes. Isto é, nossos modos de ver, sentir, pensar e agir dentro do isolamento social, com os seus inúmeros desafios, angústias, medos e ansiedades dizem do chão espiritual de cada um, de cada uma.

Nossa forma de viver este “recolhimento forçado”, olhar para rotina, para o ritmo e para o rito que dão sentido às nossas vidas no cotidiano, seja antes da pandemia, durante esta experiência e, também, dirá depois que ela passar ao termos que reconstruir nossas vidas, nossos trabalhos, a econômica e até a vida cristã. Enfim, a espiritualidade como combustível que nos faz mover dentro desta crise sanitária – que por consequência torna-se social, econômica, ecológica e até espiritual – pode ajudar a sairmos desse caminho incerto e tempestuoso do presente momento. Nesta hora, a nossa forma de nos relacionar com Deus, de crer nele é que pode nos ajudar a equilibrar nossas forças e saúde mental e espiritual perante as frentes de enfermidade que a pandemia deixa dentro de nossas casas.

A espiritualidade da prosperidade em cheque na pandemia

A meu ver, muitos discursos e igrejas na sociedade atual, antes da grande peste do COVID-19, apostavam seus discursos e práticas numa espiritualidade, toda ela centrada no discurso da prosperidade de bens e riquezas econômicas deste mundo.

O enriquecimento pessoal tornou-se nesta atualidade religiosa o grande “termômetro” das bênçãos de Deus. E se o indivíduo fazia tudo na igreja dele e não estava enriquecendo como a promessa espiritual, é porque Deus o havia lançado um castigo por algo que fez, ou então algum de seu ancestral. Muitas igrejas nesta espiritualidade materialista da fé se “mundanizaram” a tal ponto, isto é, reduziram os seus valores atemporais (da vida eterna) à promessas essencialmente centradas neste plano de vida terrana.

A vida pós morte, que sustenta a maior parte das religiões e igrejas, perdeu o seu sentido, com as preocupações focadas no sucesso material ou emocional deste mundo. A espiritualidade e a fé, ganharam status de “produtos engarrafados” (às vezes literalmente), uma espécie de “supermercado da fé”, no qual o fiel tornou-se um cliente e o seu produto as promessas de prosperidade. Como alguns diriam nesta esfera para um fiel: “eu vim buscar a minha bênção” e isso é o que importa.

Com tristeza e lamento eu consto, nesta hora incerta do mundo, com esta pandemia, que este discurso espiritual materialista, centrado na teologia da prosperidade, não consegue oferecer consolo, esperança, confiança e paz, pois estas bênçãos de Deus elas não são para ter coisas, mas para suportarmos viver a vida neste mundo com o olhar da graça de Deus que não está fora de tudo isto, mas dentro da tempestade, solidário com os crentes para que consigam enfrentar, de forma

resiliente e proativa, a parte que cabe a cada pessoa e grupo humano nesta jornada de desassossego humano.

Então nesta hora incerta da humanidade, Deus está como bênção não na quantidade de dinheiro e bens materiais que o crente está ganhando – tem pessoas ricas que morreram nesta pandemia porque não tiveram acesso a um respirador mecânico, mas na capacidade dos seres humanos se doarem em prol do próximo, da vida. Como está fazendo os médicos, os técnicos de enfermagem; os cientistas, os caminhoneiros, as farmácias, os supermercados. Enfim, Deus está em cada pessoa que está lutando para ajudar a diminuir a dor do próximo, a fome, as doenças da alma, principalmente dos mais frágeis e dos mais pobres da sociedade. Deus está na vida daquele que tem uma espiritualidade que ajuda o outro a reerguer dizendo “coragem, não tenhas medo, eu estou contigo!”.

Em tempos desafiantes podemos crescer em espiritualidade

É nesta hora de escuridão do mundo, neste tempo da via-dolorosa da humanidade exposta em sua fragilidade, como Cristo ferido de morte que, como cristãos, somos questionados: onde estão os líderes religiosos e estas Igrejas que faziam curar toda e qualquer forma de doença, atribuída à maldição, castigo ou possessão diabólica em troca pagamentos materiais? Onde está este deus que reduziu a fé e a espiritualidade a uma espécie de “supermercado da fé” da prosperidade e do sucesso pessoal temporal? Onde estão e por que eles não curam os crentes e os não crentes desta praga? Por quê? Por que eles não podem!

Aos que desenvolveram uma espiritualidade e uma crença religiosa (fé) na prosperidade, nos ganhos deste mundo, diante desta crise mundial se veem em crise de sentido, pois a espiritualidade e a fé, vistas como uma via de prosperidade, não podem dar segurança pela via dos bens que cada um tem.

Por mais que o dinheiro ajude as pessoas a terem saúde, qualidade de vida materialmente falando ele não é deus. Ele não tem poder de dar sentido derradeiro ao ser humano ou ainda de salvá-lo da morte pela via do dinheiro.

Neste tempo de incertezas, de enfermidades com a pandemia, muitos devem estar se sentindo abandonados, esquecidos e, o pior, castigado por esta imagem criada de um “deus mercantilista”.

Quando a espiritualidade e a fé sustentam nossas vidas?

Quando aqueles que têm uma espiritualidade e uma fé, seja de que religião forem, centrada na graça de Deus e não na prosperidade sentirão mais apoio e fortaleza. Quando colocamos os valores espirituais para além do sucesso profissional e material, conseguimos experimentar uma vida espiritual mais fundamentada no consolo, na fortaleza, na esperança e na paz. Na certeza da presença de um Deus que se revela frágil para nos acompanhar em nossas fragilidades. Ferido para mostrar-se solidário conosco.

Um Deus que se fez gente. Verbo que se fez homem, Jesus de Nazaré. Aquele mesmo que estamos celebrando nestes dias de Páscoa, que nos revela que ele não está acima dos nossos calvários, nem longe das nossas cruces e, menos ainda, insensível aos nossos espinhos, pois “Ele está no meio de nós”, solidário e compassivo.

Como nos diz a Liturgia de Domingo de Ramos o Senhor está “nos dando uma palavra de conforto para a pessoa abatida... pois o Senhor é nosso Auxiliador” (Isaías 50, 4.7). Ou ainda seu filho, Jesus

Cristo, na quinta-feira Santa é: O Mestre e Senhor que nos ensinou a “religião do lava-pés”, do mandamento novo, o do amor (Jo 13, 1-15) e que nos pede que façamos o mesmo, “lavando os pés uns dos outros”.

Enfim, neste tempo de humildade e simplicidade de vida diante da existência, neste mundo em xeque, com a pandemia e o isolamento social, é que é hora de aprendermos de Jesus na **Quinta-feira Santa** a espiritualidade do lava-pés, que é a do serviço à vida, sem julgamento, sem cobranças, sem barganha e sem promessas materiais, mas pura graça de amar sem medida.

Se é para ter alguma medida, que seja a do “amor exagerado”, como diz Padre Eymard, aquele refletido na Teologia da bacia, na Ceia do Senhor e na Teologia da Cruz e do Túmulo vazio e que nos convida sempre a avançarmos para “aguas mais profundas”.

Que nesta hora de dor, incertezas, medos e obscuridades, desassossegos e descrenças, as religiões, igrejas cristãs, se prestem à ajudar a salvar vidas e a conservá-las diante do inimigo invisível que é o COVID-19. Ou ainda a alimentar uma espiritualidade que fortaleça a fé de seus membros para que possam suportar os tempos difíceis em que estamos vivendo. **Amém, assim seja!**

- ESPERANÇA

Pandemia e pós-pandemia: dez pontos para reflexão

Todos estamos sofrendo com esta Pandemia, mas os que mais sofrem são os pobres: aumento do número das pessoas em situação de miséria, perda de emprego, vagas de emprego diminuindo com a quebra de empresas, ausência de condições para precaver-se contra o contágio. A Igreja, mãe que sempre busca atender os pobres, necessitados e vulneráveis continuará a ser interpelada no seu cuidado pelos últimos da nossa sociedade.

Dom Paulo Cezar Costa - Diocese de São Carlos

Equipe de Análise de Conjuntura Eclesial

Pandemia e Pós - Pandemia: Dez Pontos para Reflexão

“Eis que eu estou convosco todos os dias”(Mt 28,20)

“Eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”(Mt 28, 20). Estas palavras de Jesus, dirigidas aos discípulos, dão-nos a certeza de que não estamos sozinhos diante dos problemas, desilusões, sofrimentos, crises, pandemias, etc. Ele caminha conosco. Estamos vivendo um tempo difícil da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19), em que parece custoso ver a presença do Senhor junto a nós. Papa Francisco, na Praça de São Pedro vazia, expressou bem: “Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e

perdidos”. Mas a narrativa dos discípulos de Emaús, nos dá a certeza de que nas noites escuras da vida e da história, o Senhor permanece conosco, Ele caminha conosco (Lc 24, 13-35).

Este tempo grave de Pandemia fechou as portas de nossas igrejas, mas a Igreja não está fechada, ela continua alimentando seus filhos e filhas através da oração, da Palavra, das celebrações transmitidas pelas TVs Católicas, rádios e mídias sociais, continua assistindo aos pobres e mais necessitados pela caridade e criando redes de solidariedade. Não sabemos até quando esta crise durará, talvez, em muitas regiões, ainda que não tenha chegado o pico, porém, já se começa a ver sinais de possíveis superações. É preciso, vivermos com responsabilidade este momento, incentivando o nosso povo ao cuidado com a própria vida e com a vida do próximo, como nos exortou a Campanha da Fraternidade: “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”(Lc 10, 33-34). É importante, também, começarmos a refletir sobre este processo de volta e do pós-pandemia. Propomos, no desejo de ajudar, alguns elementos para a nossa reflexão:

1. Este tempo de Pandemia nos fez estar presentes nas casas e na vida das pessoas de uma forma nova: por meio das mídias sociais. Já as usávamos como meio de comunicação, de evangelização, de missão e de solidariedade. Este tempo acelerou o processo de uso das mídias sociais para reuniões, trabalhos, aulas, missas, etc., tudo *on-line*. Descobrimos uma nova forma de nos fazermos presentes nas casas, nas famílias e na vida das pessoas. E as pessoas descobriram este novo modo de presença, de participação na vida da comunidade. Este caminho deve continuar a ser trilhado: quantas *lives*, inclusive com transmissão de celebrações, terços, orações, etc. A PASCUM (Pastoral da Comunicação) tornou-se uma pastoral fundamental na vida das Dioceses, Paróquias e Comunidades. É um passo que foi dado e que não poderá retroceder. Porém, nossas celebrações, voltarão a ser presenciais. Jesus, com seus gestos e palavras, com sua morte e ressurreição, convocou a assembleia do Novo Israel, a Igreja. A Igreja, desde o Novo Testamento, reúne-se em assembleia litúrgica, a cada domingo, para celebrar a memória da morte e ressurreição do Senhor, a Eucaristia. A própria assembleia reunida é sinal da presença do ressuscitado (Mt 18,20). É encontrando-se com o irmão de fé, cantando, rezando, celebrando, ouvindo a Palavra de Deus e se alimentando da Eucaristia que se mantém o coração aquecido, no amor do Senhor, e que se renova a disposição de ser dom na vida da sociedade. Não há oposição entre a assembleia litúrgica presencial e a transmissão virtual, pois existe uma absoluta primazia do presencial. Trata-se de uma forma de continuar atingindo tantas pessoas que ainda não se despertaram para a importância de viver e partilhar a fé em comunidade, e que, vendo a vivacidade da comunidade cristã, poderão ser atraídas para esta. Por isso, o uso das mídias sociais deverá continuar a ser um grande elemento da presença da Igreja, de evangelização, de missão, de oração com o nosso povo, de promoção da caridade e solidariedade. Este caminho exigirá maior investimento nas PASCUM, na aquisição de materiais e de formação de pessoas especializadas.

2. A vida moderna é marcada por uma grande agitação que envolve toda a pessoa: preocupações, corre-corre para o trabalho, tantos afazeres que o ser humano não tem tempo para parar. A sociedade tornou-se sociedade do operar, do transformar, do consumir, etc. A pós-modernidade conjuga dois aspectos muito fortes

da vida: a racionalidade e o sentimental. A influência da razão faz com que tudo pareça bem previsível, tudo deve estar sobre o acirrado controle racional. De um momento para outro, deparamo-nos confinados e isolados em nossas casas. Esta Pandemia nos colocou diante do imprevisível e impensável. De um momento para o outro, sentimos que tudo fugiu do nosso controle: desde a realidade econômica, até o emprego, a saúde, a liberdade, etc. A vida humana se manifestou em sua fragilidade e contingência. Sentimo-nos ameaçados naquilo que nos é mais precioso: a vida humana. Neste tempo e campo, podem aflorar doenças psicológicas, distúrbios, desequilíbrios afetivos e emocionais. Neste cenário, a Igreja deve estar preparada para se manifestar como uma mãe que cura feridas, que apresenta o remédio da consolação e da esperança. A oferta de tantas propostas, que fazem parte do rico patrimônio espiritual da Igreja, como aconselhamento, espiritualidade, métodos de oração, podem ajudar na saúde física e no equilíbrio espiritual das pessoas. É preciso, neste tempo, conduzir as pessoas a um sentido mais profundo da existência, a um retorno às raízes, que se encontram no mistério eterno do amor de Deus (1Jo 4,8.16). Neste caminho, pode-se incentivar o ministério da escuta, também, a ajuda de profissionais como psicólogos (as), que em nossas comunidades, por meio do trabalho voluntário, possam ajudar e atender, principalmente os mais pobres. Tenhamos sempre presente o que nos pede o Papa Francisco: “Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos”[1].

3. Depois de um tempo de crise, em que se experimenta a contingência da vida, emerge a questão do sentido da vida. Nesta busca de sentido aflora a procura pelo elemento religioso. É possível que haja um despertar da busca religiosa. A Pandemia pode assim, ser um elemento despertador da dimensão religiosa, da busca de Deus e precisamos estar atentos a isso. A imagem dos gregos que querem ver Jesus (Jo 12, 21) nos ajuda nesta reflexão: O coração de todo ser humano traz este desejo profundo de “ver” Jesus. Nesta passagem, o verbo “*ver*” expressa todo o desejo e abertura que há no ser humano para a face de Deus, toda inquietação que o coração humano traz na busca de sentido. Nas situações de doença, no falimento diante da morte, nas situações limites da vida, coloca-se sempre o problema do sentido da existência, da totalidade de sentido da vida em si, mas sobre tudo da vida humana. Em cada ser humano há uma busca de sentido, há um projeto de sentido da vida[2]. O conceito de sentido expressa o projeto de totalidade da nossa vida, que não pode encontrar o “seu ser-total” sem o mundo no qual está situada. Somente na experiência de sentido, e por meio desta, o ser humano chega ao “ser-total” e à salvação da própria existência. O sentido experimentado e realizado seria então a salvação do ser humano[3]. A religião deve ser portadora de sentido e de esperança à existência humana. É preciso que “a luz da fé”[4] ilumine os caminhos a serem trilhados no pós-pandemia. A Igreja deve estar preparada para acolher as pessoas fragilizadas não como uma alfândega cheia de exigências e fardos pesados[5], mas como uma mãe misericordiosa conduzindo as pessoas ao encontro com a pessoa de Jesus Cristo e integrando-as na comunidade de fé. Deve-se perceber que a experiência de finitude e impotência poderá auxiliar a revermos nossa condição humana dependente de Deus. Como cristãos, precisamos destacar o sentido de seguir o Crucificado que ressuscitou. Rever o lugar da Cruz em nossa experiência eclesial poderá

purificar toda tentação de reduzir a fé cristã aos interesses de segurança e sucesso. Os santos místicos nos recordam que “tudo passa e só Deus basta”, mas é preciso aceitar as noites escuras sem perder a esperança.

4. Em meio a esta pandemia, houve a redescoberta da “Igreja doméstica”[6], este belo conceito de São Paulo VI. A família reaprendeu a estar junta, a rezar unida, a compartilhar a vida, a existência, etc. Papa Francisco propôs para o mês de maio de 2020 a oração do terço. Que bonito seria, se a família, unida e reunida, pudesse rezar o terço. Aqui sim, teríamos o exercício genuíno da função sacerdotal batismal do pai e da mãe de família, que, com este simples e lindo gesto, estariam animando e alimentando a oração e a vida espiritual de sua família, de sua “Igreja doméstica”. Nesta valorização da Igreja doméstica, As Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 podem impulsionar o valor das Comunidades Eclesiais Missionárias e da Igreja Doméstica em tempos de revisão de ação pastoral pós-pandemia.

Contemporaneamente, este é um período e momento em que dramas humanos afloraram e se explodiram, inclusive levando a um crescimento do número de separações de matrimônios, aumento da violência familiar que vitima as mulheres, crianças e idosos. Também esta realidade exigirá a presença da Igreja, como uma mãe misericordiosa, para ajudar a sarar feridas e corações machucados (Is 61,1). O Ano da misericórdia, pedagogicamente, nos fez encontrar com o amor misericordioso de Deus e impeliu a Igreja a ser mãe misericordiosa. “A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. [...] É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança”[7].

5. Todos estamos sofrendo com esta Pandemia, mas os que mais sofrem são os pobres: aumento do número das pessoas em situação de miséria, perda de emprego, vagas de emprego diminuindo com a quebra de empresas, ausência de condições para precaver-se contra o contágio, etc. A Igreja, mãe que sempre busca atender os pobres, necessitados e vulneráveis continuará a ser interpelada no seu cuidado pelos últimos da nossa sociedade. A solidariedade é fundamental neste contexto. São João Paulo II dizia que a solidariedade “Não é um sentimento de vaga compaixão ou de ternura superficial pelos males de tantas pessoas próximas ou distantes; pelo contrário, é a firme e perseverante determinação de trabalhar para o bem comum, isto é, para o bem de todos e de cada um, a fim de que todos sejam verdadeiramente responsáveis por todos”[8]. Neste caminho, é preciso envolver todos os atores da vida de uma sociedade: poderes públicos, mundo empresarial, meios de comunicação, instituições educacionais, ONGs, cada cidadão. É preciso, de imediato, assistir aos pobres, pois quem tem fome não pode esperar. Porém, parece-nos que neste momento é preciso algo mais, é necessário colocar nossas estruturas a serviço e criar parcerias que possam ajudar as pessoas a serem sujeitas da própria história. Junto com o SEBRAE, ou outras instituições, é preciso apoiar pequenos cursos que ajudem as pessoas a criarem seu negócio, a serem um pouco mais profissionais naquilo que já estão fazendo ou que poderão vir a construir. É preciso apontar caminhos e dar meios para que as pessoas possam ser sujeitos da

própria história. Nesta grande crise que abateu a todos, é preciso ir além dos discursos, além do assistencialismo, pois “o pensamento social da Igreja é primariamente positivo e construtivo, orienta uma ação transformadora e, nesse sentido, não deixa de ser sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo”[9].

6. Em realidades onde tantas pessoas perderam a vida e não tiveram sequer as justas cerimônias de despedida, onde os familiares foram impedidos de chorar junto a seus entes queridos, a Igreja não pode perder de vista que é direito das pessoas chorarem e fazerem a última despedida antes de sepultar seus corpos. Sabemos o quão importante e significativo é o Ritual das Exéquias. Primeiro, pela própria concretude da morte: aquela pessoa querida terminou sua jornada, e a família, quando realiza seu funeral, encerra concretamente este capítulo de uma dolorosa história. Segundo, o pertencimento social: quando os amigos e outros membros da família expressam as suas condolências, as pessoas enlutadas se sentem confortadas e pertencentes a um grupo social no qual construíram sua história ao longo de gerações. Acrescenta-se que no momento do velório conta-se as histórias do falecido(a), resgata-se seu legado, reconstrói-se a memória da pessoa e o quanto ela foi amada e importante. A partir disso, os familiares vão elaborando o luto e confortando a dor da perda, que será sempre irreparável. Desta forma, os ritos fazem com que a morte seja um processo no percurso da vida, ainda que doloroso. A ausência destes rituais tem um impacto muito negativo e sofrido, emocional e afetivamente falando. A falta deste momento de despedida, como estamos vendo durante a Pandemia do Novo Coronavírus, causa uma lacuna na vida de pessoas e famílias inteiras, com sentimento de vazio e impotência. A pessoa tem o direito da Cerimônia de Exéquias, que ajuda no processo de superação do luto. Aqui, o caminho da justa criatividade acompanhada pela responsabilidade, deve ajudar.

7. É importante que, neste processo de abertura, mantenhamos o cuidado e o respeito pela vida humana, que caracteriza a doutrina da Igreja e que norteiam nossos pronunciamentos e atitudes neste tempo da Pandemia do Novo Coronavírus. Devemos dar atenção às orientações emanadas pela Organização Mundial da Saúde, às normas dos Estados e dos Municípios. A Igreja deve sentir-se sujeito das normas justas emanadas pela autoridade civil, principalmente se visam preservar e promover a vida humana. Ocorreram intervenções indevidas de agentes do Estado em celebrações. Deve-se afirmar a liberdade da Igreja de exercer livremente a sua missão e como bem afirmou o Concílio Vaticano II: “o direito a esse exercício não pode ser impedido, desde que guarde a justa ordem pública”[10]. Se em algum momento, por imprudência ou excesso de zelo de representantes de alguma das partes, acontecerem conflitos ou exorbitância na competência, o caminho de solução passa sempre pelo diálogo. Em última instância, a justiça existe para garantir as liberdades individuais e a justiça nas relações. Não podemos nos esquecer que a vida humana é um imperativo para os discípulos e discípulas de Jesus Cristo, que veio “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

8. O amor fraterno deve, neste momento histórico, fazer a diferença na nossa vida e caminhada de nossas comunidades. Também a Igreja, na sua caminhada, já sente as consequências da crise na vida de cada um e na vida econômica que está se abatendo sobre o mundo. É tempo de manifestarmos concretamente o

nosso amor através da ajuda entre paróquias que têm melhores condições econômicas e aquelas menos favorecidas, entre irmãos que têm condições melhores e irmãos que têm condições piores. O livro dos Atos dos Apóstolos, que estamos lendo neste Tempo Pascal, indica-nos o caminho: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum”(At 4,32.2,42).

9. Não podemos nos esquecer da saúde física e psicológica dos nossos amados presbíteros. O estarmos celebrando sem a presença física do nosso povo, igualmente reclusos em suas casas, os problemas financeiros que começam a afetar a vida das paróquias, podem afetar também a saúde física e psicológica dos nossos presbíteros. É importante, neste momento, que ofereçamos suporte humano e psíquico aos nossos presbíteros e que, se preciso for, indiquemos psicólogos (as) que possam ajudá-los no equilíbrio emocional.

10. Nós, cristãos católicos, não devemos entrar no falso dilema entre escolha da preservação da vida ou da economia. As oposições podem manifestar visões parciais da realidade. Papa Francisco nos relembra que “a unidade prevalece sobre o conflito”[11]. A preservação da vida e o cuidado da economia não estão em contraposição. O cuidado da vida sempre levará em consideração o cuidado da economia, pois a centralidade deve ser da pessoa humana, não do lucro.

Enfim, a Igreja deve ser portadora da grande Esperança que nasce da fé, tanto para o nosso amado povo como para a vida da sociedade inteira. Cristo Morto e Ressuscitado é a grande razão da nossa esperança, e “devemos estar sempre prontos a dar razão dela a todo aquele que no-la pedir” (1Pd 3,15). Como nos pede o Papa Francisco: “não deixemos que nos roubem a esperança!”[12]. O anúncio de Jesus Cristo tem que ser portador de Esperança. A Esperança Cristã se fundamenta na memória de Cristo. A ressurreição de Cristo nos diz que Ele não se encontra mais entre os mortos, e que, portanto, a força deste mundo mortal foi rompida[13]. O cristianismo primitivo fundava sua fé não sobre uma reconstrução científica do Jesus histórico, mas na escuta da viva proclamação do Senhor morto e ressuscitado. Este foi o grande anúncio daquele primeiro dia da semana: *Ressuscitou, não está mais aqui!* A ressurreição de Cristo nos dá a certeza de que a história é história de vida e de ressurreição. Ele está conosco (Mt 28,20), não estamos sozinhos na história e na batalha cotidiana da vida.